Mocinhos e bandidos, heróis e vilões.

Apresentação do livro do escritor Marcio Nepomuceno.

 Desde que Caim matou Abel, os humanos promoveram uma divisão moralista e determinaram o que é bom e o que é mal nas ações humanas. Santo Agostinho definiu o mal como a ausência do bem, o ódio como a falta de amor. São vários os critérios adotados pelas diversas culturas. Mas como se trata de escrever a apresentação de um livro, um ato de manifestação livre do pensamento, um ato representativo de uma abordagem cultural, não há grades que consigam prender o pensamento, daí porque, mesmo estando preso em uma cela de segurança máxima há mais de vinte e cinco anos, Márcio Nepomuceno sente necessidade de se comunicar e o faz escrevendo livros. Essa pena de mutar os detentos foi abolida civilizatoriamente do rol de penalidades. Portanto ouçamos a voz que vem do fundo do poço, do mais profundo silêncio dos cárceres.

 Vários foram os desterrados e excluídos do meio social que se manifestaram através da literatura. O mais recente deles, Nelson Mandela, falou alto e deu lições ao mundo de como se dá a volta por cima contando suas experiências de cárcere sem ódio nem vingança. Entre nós o Presidente Lula, após ter seu nome sufragado em dois mandatos presidenciais, foi impedido de um terceiro pelas mãos da injustiça que o manteve atrás das grades por mais de 500 dias, impedindo-o de ser mais uma vez Presidente do Brasil.

A história mais famosa e repassada a respeito de Robin Hood conta sobre um homem chamado Robin De Locksley. Este, após servir ao lado do Rei Ricardo em uma grande Cruzada, retorna para casa. Ao chegar, encontra seu feudo devastado pela tirania dos regentes, além de leis abusivas, e a proibição da caça como sustento ao homem comum. Indignado, ele se recusa a aceitar a situação, e é declarado fora da lei.

 Aproveitando seu conhecimento em cavalaria, arquearia e combate adquirido na guerra, ele une um grupo de foras da lei, e inicia um combate à tirania da nobreza, roubando dos ricos para dar aos pobres. Se existiu de fato, viveu durante o século XIII, provavelmente entre 1250 e 1300

**Jean Valjean** é o [protagonista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protagonista) do romance de [Victor Hugo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Hugo), [Os Miseráveis](https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Miser%C3%A1veis), de 1862. A história retrata a luta de 19 anos do personagem para levar uma vida normal depois de cumprir uma pena de prisão por roubar pão para alimentar os filhos de sua irmã durante um período de [depressão econômica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Depress%C3%A3o_%28economia%29) e várias tentativas de escapar da prisão.

Em [liberdade condicional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_condicional), Valjean recebe um passaporte amarelo com ordens de marcha para Pontarlier, onde será forçado a viver sob severas restrições. Este documento, muitas vezes chamado de "passeport jaune" (passaporte amarelo), o identifica para todos como um ex-presidiário e imediatamente marca Valjean como um pária onde quer que ele viaje.

Sua vida muda quando o [Bishop Myriel](https://en.wikipedia.org/wiki/Bishop_Myriel) de [Digne](https://pt.wikipedia.org/wiki/Digne-les-Bains), de quem ele rouba talheres valiosos, diz à polícia que ele deu o tesouro a Valjean. Fora desse encontro, Valjean se torna um homem arrependido, honrado e digno. Ele se torna gentil, uma figura paterna dedicada a uma garota, Cosette, que perde a mãe, e um benfeitor para os necessitados. Embora um criminoso conhecido e em liberdade condicional, Valjean ainda cresce moralmente para representar os melhores traços da humanidade. Apesar de ser classificado como um pária criminoso, Valjean mantém a mais alta das virtudes e ética humanas.

Hugo então detalha o passado de Valjean. Ele nasceu em algum momento de 1769 em uma pequena cidade e ficou órfão quando criança. Ele se tornou um podador e ajudou a sustentar sua irmã viúva e seus sete filhos. No inverno de 1795, quando os recursos eram escassos, Valjean roubou um pão de um padeiro local quebrando a janela.

Ele foi pego e preso por cinco anos no Bagne de Toulon, a prisão de Toulon. Ele tentou escapar quatro vezes, e cada vez sua sentença foi prolongada em três anos; ele também recebeu dois anos extras por resistir uma vez à recaptura durante sua segunda fuga. Depois de dezenove anos na prisão, ele foi libertado, mas por lei deve portar um passaporte amarelo que anuncia que ele é um ex-presidiário.

Se a guerra é contra as drogas, por que a letalidade dessa guerra se mostra esmagadoramente maior com relação às pessoas negras? Por que os negros representam grande parte das pessoas no regime carcerário brasileiro? A esmagadora maioria dos presos brasileiros nos obriga a problematizar a política “proibicionista” sobre drogas brasileira assumindo que não é possível fazer uma análise sobre a guerra às drogas apartada das relações sociais brasileiras que foram conformadas pela escravidão, expropriação, colonialismos, desigualdade social, racismo estrutural e o ódio de classes. A partir de reflexões desde uma perspectiva antiproibicionista e antirracista, ancorando-se na sociologia, na psicologia social, na criminologia crítica e no serviço social para aportar às análises e ponderações. A morte sistemática de jovens negros precisa ser reconhecida enquanto um genocídio da juventude negra, esse é o passo inicial para seu enfrentamento. “Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial” diz respeito a todos que sonham e lutam por uma sociedade mais justa e igualitária.

A guerra às drogas é uma ferramenta da qual a sociedade contemporânea depende para manter negros e pobres oprimidos e marginalizados. Esta é a opinião da ativista do movimento negro norte-americano Deborah Small, formada em Direito e Políticas Públicas pela Universidade de Harvard.

Esse esforço policial é concentrado nas favelas, como se este fosse o único lugar onde as drogas estão, mesmo que nós saibamos que em todos os países o uso de drogas é igualmente distribuído e atinge todos os grupos sociais e econômicos. O problema é que, assim como nos Estados Unidos, há certa negação a respeito da existência de usuários de drogas e dependentes químicos entre os ricos e poderosos, e o foco é sempre a população pobre.

Circular com armas para fora do carro, apontando para as pessoas, deve ser considerado um comportamento policial extremamente inapropriado, porque a mensagem que isso passa para a comunidade é que, basicamente, todos são suspeitos, todos são criminosos e todos estão sujeitos a serem alvejados por tiros a qualquer momento.

Sim, apenas na favela, onde a maioria é negra. Então é basicamente a população negra que está sendo obrigada a viver em um estado de medo. É como se dissessem que a culpa também é deles porque, se eles não tivessem traficantes entre eles, não teriam de viver desse jeito.

Então fica patente que grande parte das razões pelas quais as pessoas não reagem a essas mortes é porque lhes foi dito que aqueles que foram mortos eram traficantes ou tinham algum envolvimento com o tráfico. E a maioria das pessoas acredita nisso, até que os filhos deles sejam presos ou mortos. Só então eles pensam: ‘não, isso não é correto’

Para os estudiosos e historiadores, isso é parte do legado da escravidão e da segregação racial, que fez os negros acreditarem que eles próprios são criminosos. Você quase tem que provar que a pessoa que foi morta não era uma criminosa para que a comunidade sinta alguma empatia por ela. Quando as pessoas são classificadas como criminosas, a sociedade não se sente obrigada a pensar quais são as causas disso

O sucesso da guerra às drogas foi fazer as pessoas acreditarem que um grupo está mais propenso à criminalidade que outro. E também teve sucesso ao fazer com que esse mesmo grupo acreditasse nisso.

Quando nós falamos de drogas, por algum motivo nós deixamos de lado a nossa racionalidade para acreditar que esta é uma realidade exclusiva dos pobres, dos negros. Isso não faz sentido, exceto se você pensar que a guerra às drogas é um mecanismo de manutenção da hierarquia racial da qual a sociedade depende.

Então, a questão do racismo que não é comentada é que grande parte da riqueza e dos privilégios dos quais as pessoas brancas desfrutam hoje é porque elas não tiveram que competir com os negros. Mas elas acreditam que merecem tudo aquilo que têm.

A polícia é o instrumento que a sociedade usa para manter o status quo racial, ou seja, parte da função da polícia é manter esse status quo. Então os privilegiados podem manter seus privilégios, e as pessoas da base são mantidas na base, sem condições de ascender socialmente.

O Brasil tende a atrair a população mais pobre para compor a sua força policial. Então, basicamente, você tem pobre oprimindo pobre, mas, de maneira geral, são pessoas com as quais a sociedade não se importa.

A academia tem dito que a melhor política de drogas é não ter política criminal de drogas. Nós precisamos de políticas de saúde para tratar problemas de uso de drogas, da mesma forma como lidamos como tabaco, álcool e outras substâncias que causam dependência.

A proibição prejudica completamente a economia dos países, porque toma esses produtos e os torna mais valiosos que qualquer coisa que as pessoas possam cultivar ou produzir. E os mais afetados são os países produtores.

Quando você observa a história das Américas, do Canadá ao Chile, há uma implicação do passado de escravidão, colonialismo e genocídio da população indígena. Até estarmos dispostos a lidar com isso honestamente, nós iremos sempre desenvolver nossas políticas de justiça criminal, incluindo a política de drogas, em termos raciais e discriminatórios. E uma das coisas que a gente pode fazer para mudar isso é não repetir no século 21 a história dos séculos 19 e 20

**Márcio dos Santos Nepomuceno**, mais conhecido como **Marcinho VP**, é um [criminoso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Criminoso) [brasileiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasileiro) e [traficante](https://pt.wikipedia.org/wiki/Traficante) de [drogas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Droga). Produto direto da famigerada “guerra às drogas”. Se há uma guerra tem que haver os dois lados. De um lado os agentes do proibicionismo, dou outro aqueles comerciantes que vivem do lucro da venda de determinado produto. Qual a explicação de estar liberado o álcool que mata e causa mais problemas de saúde, segundo dados do SUS e termos drogas menos letais proibidas? Esse é o grande debate a ser posto na sociedade.

Marcinho VP estava preso numa penitenciária do [Rio de Janeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_%28estado%29) foi transferido para um Presídio de segurança máxima na [Catanduva](https://pt.wikipedia.org/wiki/Penitenci%C3%A1ria_Federal_de_Catanduvas), no [Paraná](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paran%C3%A1), cidade a aproximadamente 60 km de [Cascavel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cascavel_%28Paran%C3%A1%29), por conta dos ataques no Rio de Janeiro onde supostamente era comandado por ele e outros traficantes de drogas. Ao ser transferido para localidade longe de seus familiares gerou a ilegalidade da prisão cujo objetivo maior seria sua reintegração social e familiar.

 Marcinho VP foi preso no ano de 1996, na Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, por policiais comandados pelo detetive de polícia José Carlos Guimarães, da extinta METROPOL V da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro,

Depois da nova onda de ataques no Rio de Janeiro, iniciada no dia [20 de novembro](https://pt.wikipedia.org/wiki/20_de_novembro) de [2010](https://pt.wikipedia.org/wiki/2010), Marcinho VP foi transferido novamente de presídio, desta vez para [Porto Velho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Velho), em [Rondônia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rond%C3%B4nia), juntamente com outro traficante, conhecido como [Elias Maluco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Elias_Maluco), e ai nasceu o escritor que aproveitando o fato de ter sido preso em plena “guerra às drogas” autodenomina-se “Prisioneiro de Guerra”. Tornar-se um escritor é um sinal de sua recuperação, mas seu texto é tomado por uma grande indignação, a mesma que é narrada nos grandes romances que contam como os homens excluem e punem seus semelhantes sem discutir suas angústias.

O Juiz João Marcos Buch, de Santa Catarina, é um exemplo de magistrado que dialoga e da voz aos que estão nos cárceres e já fez publicar vários livros contando essa rica experiência com os encarcerados.

 Uma das obras nos traz oito relatos de apenados privados de suas liberdades em uma unidade prisional de Joinville, Santa Catarina, relatos estes que são frutos de atividades de cunho literário que trouxeram textos ficcionais já publicados em outros livros pela mesma editora.

 Em meio às atividades, que proporcionaram escritas, publicações e lançamentos de livros na própria unidade, foi proposto pelo editor Alex Giostri e pelo Dr. João Marcos Marcos Buch, Juiz Corregedor do Complexo Prisional da Comarca do Município, que os mesmos participantes encarcerados apresentassem voluntariamente seus relatos pessoais a fim de que pudéssemos levar cada relato a um Juiz convidado e que cada Juiz fizesse um texto próprio e independente a partir do relato que leu, sempre pensando as questões do sistema penal como um todo, nas questões do desencarceramento e, sobretudo, nas questões sociais, educacionais e de estruturas familiares, que são pilares responsáveis evidentes e escancarados do atual quadro dos aproximados 700 mil encarcerados em regime fechado no Brasil. Feito isso, surgiu a obra – Prisioneiros e Juízes – Relatos do Cárcere.

Muitas pessoas têm o conceito de que a Justiça, com inicial maiúscula, serve para punir os indivíduos por seus malfeitos, a fim de que aprendam e não repitam os delitos. Além do encarceramento, que em si já é algo bastante punitivo, há pouca preocupação com as condições mais mínimas de vida dos apenados e presos, já que supostamente representam a escória da sociedade e ameaçam-na com sua presença. Não é a visão do Juiz João Marcos Buch que elegeu as crônicas reunidas neste livro, que as escreveu com base em reflexões surgidas de seu dia a dia como juiz. Um livro para todos que se interessam pela busca de um mundo com Estado e Justiça preocupando-se não apenas em punir, mas em fazer por onde punir seja a última alternativa.

Nesse livro de crônicas, o humano Juiz da Execução Penal, João Marcos Buch traz ao leitor o mais profundo de todos, uma vez que os textos aqui apresentados exalam um experiente e sensato olhar sobre a vida dentro e fora das prisões. As crônicas são tratados de vida, são aulas de Direito, são ponderações e reflexões acerca de um sistema prisional doente e prestes a ruir cada vez mais.  Nesta obra, Buch consegue apresentar olhares de todos os lados. Há nos textos o seu olhar enquanto cidadão brasileiro, magistrado, aluno de Direito, autor de livro. Mas há também - e isso é um dos maiores méritos desta obra - o olhar de todos os envolvidos nesta teia humana ligada à justiça e às prisões. Falam os apenados, os familiares, os códigos e leis, falam outros magistrados. Fala o espelho.

Os historiadores contam que a primeira parte do livro “Dom Quixote” foi escrito enquanto Miguel de Cervantes estava preso em Argamasilla del Alba, entre 1601 e 1603. Graciliano Ramos escreveu Memórias do Cárcere no período em que ficou preso entre 1936e 1937, durante a ditadura de Getúlio Vargas. Oscar Wilde escreveu durante sua prisão, por conta de sua opção sexual, o livro “De Profundis” uma longa carta escrita e endereçada para seu amor proibido Alfred Douglas, no final do século XIX. São Paulo escreveu 4 de suas 14 epístola que compõem o Novo Testamento durante sua prisão. Martin Luther King Jr., Premio9 Nobel da Paz e um dos maiores defensores dos direitos civis escreveu enquanto estava preso na prisão de Birmingham o mais importante documento aconselhando os negros norte-americanos que lutassem por igualdade de forma pacífica, buscando os tribunais, e não por meio de manifestações violentas.

O cárcere tem inspirado grandes escritores e suas lições tem ecoado na sociedade ao longo dos séculos, como é o caso do filósofo e cientista Antônio Gramsci, que durante o período em que esteve preso pela ditadura fascista italiana escreveu Cartas do Cárcere e Cadernos do Cárceres, com reflexões filosóficas e científicas da maio grandeza. O Marques de Sade escreveu Justine, obra clássica do prazer sexual com a dor física, escrito enquanto estava preso nas prisões de Bastilha, em Paris. E Miguel Hernández escreveu Cancioneiro e Romanceiro de Ausências enquanto estava preso, em 1942, aos 31 anos, por se opor à ditadura franquista. E Fidel Castro escreveu, quando estava preso “A História me absolverá”.

Finalmente o frade agostiniano espanhol Frei Luiz de León, escreveu o mais belo exemplar da poesia espanhola enquanto estava preso em Valladolid, entre março de 1572 e dezembro de 1576, denominada “De los nombres de Cristo” e traduziu o “Cantar de los Cantares”. Durante a prisão injusta a que foi submetido, escreveu:

“Aquí la envidia y mentira

me tuvieron encerrado.

Dichoso el humilde estado

del sabio que se retira

de aqueste mundo malvado,

con pobre mesa y casa,

en el campo deleitoso,

con solo Dios se compasa

y a solas su vida pasa,

ni envidiado, ni envidioso!”

Nesses momentos difíceis de sua vida, Frei Luiz de León, que era filho de um advogado, reclamou e criticou a maneira como o sistema age. Com argumentos sólidos, denunciou o quão lento o processo judicial agiu, bem como a má intenção daqueles que o acusaram. Dizem que nas paredes da masmorra ele escreveu: “Aqui a inveja e a mentira me prenderam”. Frei Luiz de León defendia constantemente o direito do homem de ter liberdade, o que foi uma das causas da perseguição que sofreu e da proibição de ensinar as ideias que ele sustentava.

Alguns hão de perguntar o que faz um “desembargador” escrever o prefácio do livro de um condenado que cumpre pena há mais de um quarto de século? Usando as palavras de outro prisioneiro, Frei Luiz de León, respondo: só a inveja e a mentira são capazes de inspirar esse mundo mau. Tais pessoas dão aquilo que possuem, ou seja o mau, porque os que possuem o bem exalam o bem, respiram o bem e transpiram o bem. O mau é a ausência do amor, disse Santo Agostinho.

Marcio Nepomuceno, que escreve é um literato, e não um criminoso. Devemos ouvi-lo e acolher sua mensagem que vem de onde nunca estivemos, mas que algum dia, e mesmo sem motivo, poderemos estar, com no já muitos estiveram, vítimas da justiça dos homens. Eu mesmo fui réu de um processo persecutório, invejoso e vingativo que me afastou durante dois anos de minhas atividades judicantes. Esses criminosos estão soltos, armando trapalhadas impunemente, usando a capa e a toga para obter seus interesses pessoais, advogando administrativamente, manipulando decisões judiciais e “comprando” falsos delatores. “Deste mundo mau, com mesa e casa pobres, no campo delicioso, só Deus ele tem compaixão e só sua vida passa nem invejado nem invejoso”.

 Siro Darlan de Oliveira